Biblioteca

AGROANALYSIS

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

VOL. 4 Nº 12 DEZEMBRO DE 1980

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

AGROANALYSIS

FUNDAÇAO
GETULIO VARGAS

Instituto Brasileiro de Economia

ÍNDICE

Páginas

Comentários

Cacau 3

Café 4

Cana-de-Açúcar 5

Suco Cítrico 6

Suinocultura 8

Trigo 9

Panorama Agropecuário

Acompanhamento das Culturas Temporárias 12

Mercado Externo 17

Mercado Interno 19

Preços Relativos 21

NOTA DA EDIÇÃO

Neste último número do ano, "Agroanalysis" apresenta um conjunto de seis comentários que, embora sucintos, refletem, em boa medida, o panorama da agricultura brasileira no decorrer de 1980. Com efeito, cana-de-açúcar, cacau, café, carne suína, suco cítrico e trigo, são produtos que, por razões diversas, ocuparam o noticiário especializado ao longo do ano.

O mercado de açúcar mereceu destaque porque, depois de um longo período de estagnação, reservou ao Brasil a grata surpresa de uma recuperação significativa das cotações.

O cacau e o café, por outro lado, estiveram em evidência devido às freqüentes escaramuças que envolveram países produtores, de um lado, e consumidores, de outro, não só no âmbito das negociações internacionais mas, também, nas bolsas de mercadorias.

No entanto, foi só recentemente que as dificuldades por que passam os suinocultores alcançaram o noticiário, embora elas tenham origem, entre outras causas mais remotas, no acirramento da concorrência dentro do setor de carnes, antecipada em estudo publicado no nº 4, vol. 4 de "Agroanalysis". Esse fenômeno levou à queda de preços registrada no mercado bovino no segundo semestre deste ano, que acabou afetando todos os setores produtores de carne.

Com relação à citricultura, cujos problemas começam, agora, a assumir contornos mais preocupantes, o Grupo de Informação Agrícola assinalava, no seu prognóstico referente à safra 1980/81 ("Agroanalysis", vol. 4, nº 9) a conveniência de, nos próximos anos, procurarem-se mercados não tradicionais para o produto brasileiro, uma vez

que deverão entrar em produção, no país, até 1985, mais 31 milhões de pés, com uma produção adicional equivalente a 100 milhões de caixas. Previa-se, então, que a situação da citricultura brasileira poderia tornar-se crítica, se não houvesse uma expansão da demanda no conjunto dos países importadores, tendo em vista que a taxa média anual de expansão da produção brasileira até aquele ano deveria situar-se em torno de 7%. Tudo indica que 1981 será, neste sentido, um ano decisivo. A recente estimativa da safra 1980/81 norte-americana de laranja, elaborada pelo USDA, confirmando a boa situação da lavoura naquele país, veio colocar o Brasil numa situação extremamente delicada, tendo em vista que o escoamento do estoque remanescente do suco cítrico brasileiro da atual safra, estimado em 170 mil t, dependia da ocorrência de uma queda significativa na produção norte-americana.

No que diz respeito ao trigo, finalmente, 1980 registrou a repetição das dificuldades climáticas ocorridas no ano anterior. Com isto, as produções do Paraná (região Sul do estado, principalmente) de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul voltaram a ser substancialmente prejudicadas. No entanto, a situação das demais regiões produtoras, que têm diminuta participação relativa no total da área cultivada com trigo no país, (em torno de 10%) mostrou-se bem melhor, em termos de rendimentos físicos da cultura. Estes fatos vieram salientar, uma vez mais, a necessidade de perseguir uma estratégia de seleção das áreas mais propícias ao cultivo do trigo, no sul do país, e de incentivo à expansão do plantio do cereal em áreas não tradicionais.

COMENTÁRIOS

CACAU

Após perderem duas oportunidades de promoção de um Acordo Internacional que, à luz da evolução recente do mercado, podem ser consideradas vantajosas (a primeira em novembro de 1979 e a segunda em março deste ano) os países produtores de cacau voltaram às negociações em outubro passado. Seu poder de barganha foi, no entanto, nitidamente reduzido por sucessivas quedas nos mercados internacionais e pela crescente expectativa quanto à continuidade de formação de excedentes de produção, que afetam ainda mais a capacidade de recuperação das cotações do produto.

A radicalização da posição dos países produtores, em março deste ano, foi o maior empecilho à renovação do Acordo anterior, que poderia ter sido obtido com um piso de preços situado em 110 cents/libra-peso. Agora, passados nove meses, chega-se a um Acordo que, além de reduzir o piso para US$ 1,00/lb, não conta com a adesão da Costa do Marfim, Togo e Gabão e, possivelmente, não terá a assinatura dos Estados Unidos, o que indica que dificilmente se alcançará o objetivo de estabilização dos preços internacionais.

O preço de intervenção fixado (110 cents/lb-peso) está bem próximo do que pode ser considerado o mínimo necessário para a continuidade dos programas de expansão das lavouras de cacau no Brasil e em outros países produtores. Sendo assim, é bem possível que ocorram novos e crescentes excedentes de produção, à semelhança do que deverá acontecer no ano agrícola internacional de 1980/81, quando, pela quarta vez consecutiva, o volume produzido deverá superar a demanda estimada. Por outro lado, um acordo, em novembro de 1979, ou em março deste ano, em torno de níveis de preços mínimos e máximos semelhantes aos agora alcançados, teria, já àquela altura, produzido um efeito político favorável aos países consumidores, uma vez que estes deveriam ser responsabilizados pela quebra do Acordo, caso a cláusula de sustentação de preços falhasse em seus objetivos. Agora, estabelecidos limites de preços mínimos superiores aos níveis atuais de mercado, esta posição se inverte, com a responsabilidade por uma possível ineficácia do Acordo sendo integralmente atribuída aos países produtores e à incapacidade destes de alterarem as metas originais de seus programas de expansão da produção, cujo efeito mais visível a curto prazo é a depressão ainda maior dos preços internacionais do produto.

Com a entrada em vigor prevista para abril de 1981, o novo Acordo Internacional do Cacau terá a responsabilidade imediata de elevar (via utilização dos recursos do estoque regulador) as cotações do cacau para níveis compatíveis com o piso de preço estabelecido e com o preço mínimo de intervenção estipulado (110¢/lb) o que, com os níveis atuais de preço, representa elevar as cotações em um percentual igual ou superior a 10%. O volume de compras necessário ao alcance desta meta deverá ser influenciado pela pressão de venda por parte dos produtores africanos excluídos (Costa do Marfim, Togo e Gabão) que representam, em conjunto, a ponderável parcela de 23% do total produzido. Vale lembrar que grande parte da influência baixista que ainda perdura nos mercados é oriunda de períodos de grande agressividade de vendas por parte da Costa do Marfim, que agora terá ainda maior liberdade de ação e menor responsabilidade, no que diz respeito à sustentação dos preços.

Pode-se prever ainda que, pelo fato de os Estados Unidos da América permanecerem afastados do Acordo, as firmas chocolateiras ali estabelecidas, que têm sido um dos grandes entraves à expansão do consumo da matéria-prima, terão maior liberdade para incentivar a utilização crescente de sucedâneos de produtos de cacau, com reflexos negativos sobre as cotações internacionais e sobre as economias dos países que, em maior ou menor escala, dependem das exportações de cacau. Sendo assim, nem mesmo a efetivação do acordo permite visualizar melhoras nas condições de comercialização externa no ano de 1981.

Para o Brasil, o balanço pode

até ser considerado positivo, já que cresce seu poder frente aos outros países produtores que aderiram ao Acordo, permitindo-lhe aumentar sua parcela de mercado mesmo num contexto de contenção das exportações, tendo em vista a situação de maior produtor envolvido. Entretanto, ficam claros o despreparo e a falta de embasamento com que o Brasil se posicionou na rodada de negociações de março passado, quando se associou à Costa do Marfim na liderança do grupo que defendia preços mínimos irreais para as condições do mercado naquela época, em que era facilmente previsível um enfraquecimento generalizado das cotações internacionais do cacau.

CAFÉ

O Acordo Internacional do Café, assinado em outubro passado pelos países exportadores e importadores filiados à OIC, estabelece que as quotas de exportação dos países produtores devem sofrer um corte de 2,4% sobre a quota global (1,4 milhão de sacas de 60 kg) sempre que a média móvel de vinte dias de mercado do preço indicativo composto da OIC se situar abaixo de US$ 1,20/lb. Obedecendo a este dispositivo, a primeira redução das quotas foi imposta em meados de novembro. E no dia 18 de dezembro passado, pelo mesmo motivo, nova diminuição foi determinada pela OIC.

O Acordo estabeleceu uma quota global para os países membros exportadores de 57,37 milhões de sacas que deveria vigorar quando os preços internacionais estivessem entre US$ 1,35/lb e US$ 1,55/lb. No entanto, desde sua assinatura, as cotações nunca atingiram aquele patamar mínimo, situando-se, em geral, em torno de US$ 1,20/lb.

Em função dos dois cortes já aplicados nas quotas de exportação, a quota global foi reduzida para 54,1 milhões de sacas de 60 kg. Esta quantidade mostra-se inferior às previsões de consumo da OIC. Segundo esta entidade, o consumo aparente atingirá 61,3 milhões de sacas nos países importadores durante o período outubro/80-setembro/81. Nos países importadores filiados à OIC, o consumo aparente está previsto em 55,6 milhões. Deste total, apenas 500 mil sacas serão fornecidas por países exportadores não ligados à OIC. Portanto, a quota global hoje vigente é inferior em 1,5 milhão de sacas à previsão de consumo e em 1 milhão à estimativa de fornecimento dos países filiados à OIC.

As reduções de quotas não afetaram as exportações de Uganda e Angola. Quanto ao Brasil, foi atingido apenas parcialmente pelo segundo corte. Isto porque, durante as negociações do Acordo, esses países declararam-se incapazes de cumprir suas quotas de exportação. Estas foram então reduzidas e o excesso redistribuído entre os demais produtores. Esta declaração de insuficiência foi feita, no entanto, sob a condição de que, no caso de redução de quotas, estas quantidades seriam descontadas.

Por outro lado, os países que foram mais fortemente beneficiados com a redistribuição, sofreram cortes maiores. É o caso da Colômbia, que teve o limite máximo de suas exportações para 1980/81 reduzido de 9,7 milhões de sacas para 9,111 milhões, em novembro. O segundo corte, efetuado em dezembro, reduziu a quota colombiana do primeiro trimestre de 1981 para 2,011 milhões de sacas.

A despeito de se ter reduzido a oferta mundial em 1,8 milhão de sacas em apenas dois meses de vigência do Acordo, os esperados efeitos em termos de recuperação dos preços internacionais não foram ainda sentidos. Diversos são os fatores explicativos, dentre os quais alguns podem ser destacados:

- as taxas de juros hoje vigentes nos mercados financeiros são bastante elevadas. Em conseqüência, a aquisição de qualquer produto para uso ou negociação futura vem sendo bastante onerada. Por isso, as grandes torrefadoras internacionais têm adquirido café tão somente em quan-

tidades suficientes para seu uso imediato. Em outras palavras, têm procurado minimizar a quantidade de café estocada em função do elevado custo financeiro envolvido na operação;

- ainda não foram superadas, pelo mercado, as dúvidas quanto à efetividade do Acordo. Alguns países exportadores, principalmente os africanos, não escondem o seu descontentamento em relação às cotas recebidas, julgando-se prejudicados na distribuição. Por outro lado, os mecanismos de controle previstos no Acordo estão todos nas mãos dos países importadores. Portanto, cabe a eles, em última instância, o poder de efetivar ou não as cláusulas econômicas estabelecidas;
- os estoques nos principais portos internacionais são bastante elevados. Parte desse café é de propriedade da Pancafé. Outra parcela importante do estoque armazenado nas praças internacionais foi embarcada por alguns países produtores antes da assinatura do Acordo. Esses países buscavam evitar que o estabelecimento de quotas os surpreendesse com elevados estoques, cujo embarque ficaria sujeito ao controle da OIC.

Diversas são as razões, portanto, que tornam prematura uma avaliação quanto ao futuro das normas estabelecidas na OIC e, por extensão, do comportamento das cotações. Adicionalmente, a política cafeeira que será implementada pelo Brasil, em 1981, ainda não foi de todo definida e, sem dúvida, terá forte poder de influência sobre o futuro do mercado cafeeiro.

CANA-DE-AÇÚCAR

O preço do açúcar no mercado internacional vem sofrendo repetidas quedas desde o início de dezembro, agravando uma tendência baixista que já se fazia sentir no mês anterior. Este movimento veio reverter uma escalada de alta dos preços do produto, que elevou a cotação do açúcar na bolsa de Nova Iorque acima dos 1.000 dólares por tonelada, nível somente superado em novembro de 1974, quando o preço chegou a 1.300 dólares/t.

Diante deste quadro de repentina instabilidade do mercado, as expectativas em relação ao comportamento futuro das cotações começam a tornar-se mais moderadas. Registre-se que o açúcar tem-se caracterizado pela alternância de súbitas elevações de seus preços com períodos de prolongadas baixas das cotações. Cabe analisar quais os fatores que estariam influenciando o atual declínio dos preços, na tentativa de distinguir os aspectos de caráter conjuntural daqueles que constituem as tendências fundamentais do mercado.

As primeiras baixas, ocorridas ainda em novembro, podem ser interpretadas como um ajuste do mercado a um nível mais realista de preços. Para isto, contribuiu o anúncio do retorno do Brasil ao mercado exportador, do qual estava ausente desde a eclosão do conflito entre o Iraque e o Irã. Com o início das hostilidades entre esses dois países, temeu-se pela regularidade do abastecimento de petróleo ao país e adotou-se, como precaução, a suspensão das exportações de açúcar a fim de permitir, caso necessário, o desvio de uma maior quantidade de cana para a produção de álcool.

Por outro lado, a elevação das cotações registrada nos últimos meses no mercado açucareiro atraiu um grande número de pequenos e médios investidores cuja presença aumenta em muito a instabilidade do mercado, pois uma eventual queda dos preços leva-os a buscarem desvencilhar-se rapidamente dos negócios assumidos, o que, acontecendo em larga escala, acaba inevitavelmente provocando a derrubada das cotações. Em certa medida, este fenômeno parece ter agora ocorrido, o que se acentuou mais ainda diante das elevações das taxas de juros norte-americanas. Isto porque pequenos investidores, que haviam fechado contratos em bolsa, já se vinham retirando do mercado, por não poderem cobrir as diferenças — o chamado *margeamento* — provocadas pela queda mais recente das cotações. Com a alta da taxa de juros, anulou-se qualquer possibilidade destes investidores recorrerem a empréstimos

bancários para manterem suas posições, o que acabou por conduzir os preços do açúcar a uma depressão ainda mais acentuada. Como conseqüência, o preço da tonelada do produto na bolsa de Nova Iorque chegou a ter uma perda de até 330 dólares nas últimas seis semanas.

Entretanto, os movimentos de curto prazo das cotações não devem fazer com que se perca de vista as tendências fundamentais do mercado açucareiro. Neste sentido, as últimas estimativas da safra 1980/81, divulgadas pelo Departamento de Agricultura norte-americano adquirem especial significado. Segundo aquele Departamento, repetir-se-á o déficit de aproximadamente 3 milhões de toneladas entre a quantidade produzida e o total consumido.

A produção mundial está estimada em 87 milhões de toneladas, ou seja, 3% acima do atingido na safra 1979/80 e o consumo deverá sofrer uma elevação de 1%, isto é, um incremento de 900 mil toneladas, volume substancialmente menor do que os acréscimos de 4 a 5 milhões de toneladas obtidos nos últimos dois anos. Esta previsão torna relevante a discussão acerca da elasticidade da demanda do produto e indica que a alta de preços tende a acelerar o equilíbrio de mercado não só pelo lado do estímulo à produção mas, também, pelo forte efeito que produz sobre os níveis de consumo.

Acrescente-se a isto, que o preço em patamar muito elevado reforça a concorrência do açúcar de milho, cujo consumo vem aumentando intensamente nos Estados Unidos. Em contrapartida, não pode passar desapercebida, ainda dentro das previsões do USDA, a expectativa de uma redução dos estoques mundiais para 21 milhões de toneladas, o que coloca a relação estoque/consumo no nível crítico de 23%, o mais baixo desde 1973/74. Este fato parece garantir, por si só, uma situação favorável aos preços do açúcar, para os próximos meses. O recente declínio das cotações pode, mesmo, significar o estabelecimento de uma base mais sólida para o mercado açucareiro.

As exportações brasileiras em 1980, por seu turno, não deverão ter suas metas comprometidas, na medida em que todas as vendas para este ano estão praticamente efetivadas. Assim sendo, é possível prever uma arrecadação em torno de 1,3 a 1,4 bilhão de dólares, ou seja, aproximadamente 300% acima do obtido no ano anterior.

SUCO CÍTRICO

A recente estimativa da safra 1980/81 norte-americana de laranja, elaborada pelo USDA, confirmou a boa situação da lavoura naquele país, que deverá apresentar uma colheita recorde.

Este fato colocará o Brasil numa situação extremamente delicada, tendo em vista que o escoamento do estoque remanescente do suco cítrico brasileiro da atual safra, estimado em 170 mil t, dependia – e ainda depende – da ocorrência de uma queda significativa na produção norte-americana. Os EUA continuam sendo o principal importador do produto brasileiro e, juntamente com a Holanda, Alemanha Ocidental, Canadá e Suécia, foram responsáveis pela aquisição de 80% das exportações do Brasil, em 1979.

No mercado norte-americano, a oferta de suco nesta temporada vem sendo abundante, com os processadores mantendo o preço interno em níveis inferiores aos de 1979, tentando, desta forma, incrementar o consumo Já foram lançadas, ao longo do ano, três campanhas promocionais, na tentativa de fazer com que os estoques finais não ultrapassem níveis considerados normais (40 a 60 milhões de galões) o que traria graves problemas, devido às perspectivas para a próxima safra. A oferta norte-americana de suco, este ano, deverá alcançar a cifra de 230 milhões de galões (584.556 t) e se estima que chegará aos 255 milhões de galões em 1981.

Dentre os outros países produtores que participam do mercado mundial, Egito, Grécia, Japão, Turquia, Cuba, África do Sul e México, deverão apresentar incremento em suas colheitas. Este último tem elevado sua pro-

dução cítrica em função das vendas crescentes de laranja *in natura* para o mercado dos EUA. Israel, de acordo com dados recentes, será o único produtor que terá sua oferta reduzida, em razão de seus altos custos de produção (os pomares são irrigados) o que tem resultado na perda da competitividade de seu produto no mercado internacional. A Espanha, Itália e Marrocos, deverão ter suas produções estabilizadas nos níveis atuais.

Desta forma, caso não haja alteração nítida no panorama atual, 1981 será um ano difícil para a citricultura brasileira, uma vez que as vendas para o mercado norte-americano deverão ser bem reduzidas. Junte-se a isso a estagnação no consumo dos países europeus, nosso principal mercado consumidor (considerando o conjunto de países) e as perspectivas de aumento da produção mundial de cítricos na próxima safra.

No plano interno, o transcurso de 1980 tem sido pleno de expectativas, marcado por uma negociação tumultuada e por um acordo de preços que, ao final, acabou sendo razoável para ambas as partes — produtores e industriais. Contudo, o motivo principal da tensão no mercado foi a dependência do escoamento do excedente brasileiro da ocorrência de um fator aleatório, ou seja, a frustração na produção norte-americana, que abriria uma brecha nos mercados dos EUA e mundial, permitindo, assim, que o estoque brasileiro fosse absorvido.

Agora, com a produção norte-americana estimada em 282 milhões de caixas a citricultura brasileira defronta-se com uma crise que não será resolvida apenas com a tomada de medidas de curto prazo, que tão somente adiariam uma solução satisfatória para a questão.

O início da comercialização do suco da safra 1980/81 teve suas regras básicas definidas pela Cacex, em reunião entre o governo, industriais e produtores. Nessa reunião, ficou estabelecido o contingenciamento de 50% da produção de suco, o preço mínimo de exportação de US$ 900/t e o pagamento de uma quota de contribuição decrescente, que objetivava retardar o escoamento do suco, de forma a não criar grandes excedentes no mercado mundial, em meados do ano, período de pico da safra do Hemisfério Norte, o que causaria uma queda ainda maior nas cotações do produto. Este esquema de comercialização seria revisto em outubro, mês em que o USDA divulga a estimativa da safra norte-americana. Dependendo desta estimativa, o esquema poderia ou não ser modificado.

Os números da safra dos EUA foram divulgados e as perspectivas brasileiras tornaram-se ainda mais sombrias. Na reunião de 21 de novembro, a Cacex concordou em eliminar o preço mínimo de exportação do suco, diante dos dados apresentados pelo setor industrial. As indústrias pleiteavam esta medida, há algum tempo, alegando ser impossível vender o suco àquele preço.

O contingenciamento de 50% da produção foi mantido, assim como a quota de contribuição, que deverá ser extinta em 31 de dezembro. Tal modificação na comercialização, no entanto, deverá trazer graves problemas para os produtores, visto que os contratos de venda da fruta incluem uma cláusula que os anula, caso ocorra qualquer mudança, por parte da Cacex.

A respeito deste ponto, a Cacex, em compromisso firmado com os industriais, colocou como condição para a eliminação do preço mínimo de exportação do suco, o cumprimento da cláusula de pagamento aos produtores do preço estabelecido em junho último. Foi elevado também, o crédito especial para US$ 600/t para as pequenas e médias empresas manterem seus estoques, tendo em vista que não possuem capital de giro que lhes possibilite uma estocagem de 50% da produção. Este crédito será, possivelmente, estendido a todas as indústrias do setor.

A liberação do preço de exportação repercutiu imediatamente no mercado de Nova Iorque, aonde as cotações apresentaram uma queda de 3%, no dia 24/11, dando continuidade à tendência baixista que caracteriza o mercado desde meados de outubro, quando as cotações sofreram um recuo de quase 10%, devido à avaliação da safra dos EUA, de 1980/81.

Desde então, a média dos preços está abaixo dos US$ 0,90 por libra-peso, nível que não era alcançado desde agosto.

Em relação à liberação do preço, notícias veiculadas nos EUA expressavam dúvida quanto à possibilidade de o Brasil conseguir vender seu suco para o mercado norte-americano, a não ser que o preço do produto brasileiro ficasse abaixo dos custos do similar daquele país.

Diante deste panorama, com um provável excedente de 170 mil t de suco, que serão comercializadas a partir de maio próximo, aguarda-se a entrada da safra 1981/82, que deverá ser, pelo menos, equivalente à de 1980/81. No entanto, vale lembrar que, embora a florada em outubro tenha sido intensa, a seca que ocorre na região citrícola paulista afetou significativamente os pomares. Até agora, verificou-se considerável quebra na produção da laranja *chumbinho*. Essas quebras resultariam numa produção total menor, caso não houvesse muitos laranjais entrando em fase produtiva este ano. Por isso, ao que tudo indica, 1981 deverá ser um ano de agravamento da crise do setor. Qual será a solução, não se sabe ainda. Porém, é necessário que sejam, desde já, estudadas formas que possibilitem o escoamento da produção cítrica, tanto de fruta fresca como de suco. Isto poderá ser conseguido, talvez, incrementando-se não apenas as vendas para outros países mas, também, tentando-se colocar maiores quantidades de suco no mercado interno, uma vez que este vem mantendo seu consumo em níveis muito baixos. O incremento das exportações de laranja *in natura* poderá ser também de grande ajuda, uma vez que este mercado tem um grande potencial. Embora, em 1979, estas exportações tenham dobrado, a participação brasileira representa apenas 1% do total comercializado no mercado mundial.

Em 1977, quando a geada afetou significativamente a produção da Flórida, criou-se uma demanda extraordinária no mercado internacional, o que estimulou sobremaneira os produtores e processadores brasileiros. Isto se refletiu em vultosos investimentos na indústria moageira, quase que duplicando a capacidade de moagem, com relação à existente naquele ano. No entanto, a partir de 1979, quando os pomares norte-americanos começaram a se recuperar, o Brasil começou a acumular estoques. Estes, que, em maio de 1980, eram de 70 mil t, deverão chegar a 170 mil t, em maio de 1981. E mais, para que os estoques brasileiros não ultrapassem esse nível, é necessário um crescimento substancial nas exportações de suco nos últimos meses do ano-safra 1980/81. Isto porque as exportações relativas à safra 1980/81, até novembro, foram de apenas 140 mil t, muito embora, no total, as exportações de suco tenham apresentado um incremento de 35%, em relação a igual período do ano passado.

O Brasil, como responsável por 80% do suco cítrico comercializado no mercado mundial, terá que tomar medidas que visem não apenas à sustentação das cotações externas do produto, mas que, efetivamente, propiciem a abertura de novos mercados consumidores, sob pena de possibilitar a entrada de países hoje considerados produtores marginais.

SUINOCULTURA

O ano de 1980, mais precisamente o segundo semestre, representou, para o setor de carnes, um período de dificuldades financeiras, que se originaram no fato de o mercado bovino ter registrado, neste último período, uma queda de preços que afetou também os demais setores produtores de carne.

Esta configuração baixista já era esperada (ver Agroanalysis, vol. 4, nº 4) como característica do início da fase de declínio de mais um ciclo pecuário. Deste modo, não apenas ocorreu um arrefecimento das elevações reais do preço do boi gordo, como, a partir de novembro, o mercado começou a registrar quedas no preço nominal da arroba. Conseqüentemente, o reflexo sobre os setores produtores de carnes substitutas assumiu proporções de crise, principalmente devido à elevada oferta das carnes avícola e suína, resultante dos bons preços que vigoravam até recentemente.

O comportamento favorável dos preços explica as projeções feitas para o rebanho e para a produção de carne suí- cola no Brasil, entre 1979 e 1980, que previam um crescimento de 2,2% e de 11,7%, respectivamente. Para a produção de carne de aves antecipou-se uma expansão de 20%. O ritmo altista dos preços da carne bovina, entre 1977 e 1979, tornando cada vez menor o poder de compra da população em termos deste alimento, abriu grandes perspectivas para a comercialização de carnes substitutas mais baratas, cujo crescimento adquiriu, conseqüentemente, novo ímpeto. Vale ressaltar que, não fosse o excessivo e prejudicial alarde em torno de uma não comprovada peste suína africana, em 1978, certamente o país estaria em vias de contar com uma produção de carne de porco bastante mais elevada do que a atual.

Em que pese o fato de o setor avícola nacional também ter, durante o segundo semestre de 1980, convivido com prejuízos operacionais elevados, o balanço do ano de 1980 deve ser considerado como ainda mais negativo para a suinocultura, uma vez que os prejuízos oriundos da reversão do ciclo da pecuária bovina de corte foram mais graves sobre esta exploração econômica, que padece de sérias deficiências em sua estrutura de produção.

Além disso, reforçando a crise, a suinocultura brasileira, em 1980, conviveu com um forte aumento do preço do milho no mercado interno, conseqüência da oferta insuficiente deste cereal em relação à elevação registrada na demanda. Tal ocorrência, tendo sido simultânea ao aumento sazonal do abate de animais terminados, determinou elevados prejuízos financeiros aos criadores, tendo assumido maior dimensão a partir da divulgação do preço mínimo para os suínos, em novembro.

Este preço, esperado com ansiedade pelos criadores, foi repudiado à época de sua divulgação: o valor, fixado em Cr$ 48,00/kg, foi considerado, pelos suinocultores, insuficiente para a cobertura dos custos de produção*. A contraproposta da indústria, ao ver deflagrado o movimento de boicote à entrega de animais para abate, de pagamento de Cr$ 55,00 pelo quilograma do animal vivo (posto indústria) normalizou o mercado, embora este valor ainda seja considerado, entre os produtores, inferior ao custo operacional de produção.

No entanto, não resta dúvida de que a perturbação verificada no mercado suinícola nada mais foi do que o resultado de uma série de falhas inerentes à própria estrutura de produção destes animais. A grande dependência, dos criadores, em relação aos bons resultados das safras de milho (que participa com algo em torno de 43% do custo de produção do animal); a sazonalidade dos abates; a precária estrutura da comercialização do animal terminado; o grande poder exercido, sobre os criadores, pelas indústrias e frigoríficos (perto de 90% da carne de porco produzida sofrem processo de industrialização); e o papel secundário que esta carne exerce na dieta alimentar da população, em razão de seu alto preço no varejo, são somente alguns dos aspectos que enfraquecem a produção suinícola no país. E colaboraram, como causas básicas para a deflagração do movimento de boicote, o qual, se conseguiu somar alguns pontos ao poder de negociação dos produtores junto à indústria, de nada serviu para aperfeiçoar a estrutura de produção vigente.

* De acordo com levantamento de custo de produção de suínos elaborado pela Organização das Cooperativas do Brasil, em maio de 1980 o custo por kg de suíno terminado seria de Cr$ 46,02.

TRIGO

O fraco desempenho de mais uma safra brasileira de trigo, como foi o caso da safra de 1980, parece não mais surpreender os órgãos ligados ao setor. De fato, repetindo-se a performance do ano passado, geadas tardias — no final de setembro — e chuvas, durante o mês de outubro, as produções do Paraná (região sul do estado, principalmente) de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul voltaram a ser prejudicadas substancialmente.

Os efeitos do clima foram especialmente danosos, pois vitimaram o

cereal quando este se encontrava em suas fases mais suscetíveis: o *emborrachamento* e a *floração*.

Assim, as mais recentes previsões de produção elaboradas pelo Banco do Brasil (Detrig) apresentam quantidades colhidas inferiores às previstas em meados de setembro. Para o Rio Grande do Sul, a estimativa é de 1 milhão de t, em números redondos, apenas levemente superior ao mau resultado da frustrada colheita de 1979. Com a vantagem, contudo, de ter sido obtida a partir de uma área semeada de 1,43 milhão de ha, correspondente a apenas 65% da área ocupada em 1979. Também o Paraná apresentou uma redução, ainda que menor, na quantidade produzida, em relação às primeiras projeções: em 1,57 milhão de hectares semeados, serão obtidas 1,35 milhão de t.

Cabe registrar que as estimativas de produção são geralmente calculadas admitindo-se uma produtividade média em torno de 1.000 kg/ha, da qual se distanciam bastante os 700 kg/ha colhidos no Rio Grande do Sul e, mesmo, os 860 kg/ha registrados nos trigais paranaenses.

No entanto, a situação das demais regiões produtoras, que têm diminuta participação relativa no total da área cultivada com trigo no país (em torno de 10%) mostrou-se bastante diferente, em termos de rendimentos físicos da cultura.

São Paulo, por exemplo, alcançou 1.100 kg/ha, enquanto a triticultura em Minas Gerais atingia os 1.250 kg/ha, com um PH médio 80, considerado muito bom. Mato Grosso do Sul enfrentou problemas nas fases iniciais do desenvolvimento das lavouras, que acarretaram uma quantidade produzida menor do que a prevista inicialmente. Mesmo assim, o PH médio registrado alcançou 78, indicando um bom desempenho das lavouras que conseguiram ultrapassar as primeiras dificuldades.

A partir dos resultados da safra de 1980, algumas considerações podem ser tecidas. Em primeiro lugar, configura-se, mais uma vez, o fracasso, em termos de produtividade, da produção do Sul do país, região que participa, hoje, com a quase totalidade da safra. Ao mesmo tempo, a performance das chamadas *áreas novas*, principalmente São Paulo e algumas regiões do Brasil Central vem-se mostrando reiteradamente satisfatória. É bem verdade que não se pode imaginar que os rendimentos físicos extraídos dos cultivos em pequenas áreas, algumas delas experimentais, possam ser extrapolados para grandes extensões.

Tudo parece indicar que a triticultura brasileira se encontra, atualmente, diante de um impasse. Apesar das sucessivas quebras de safra na região Sul, a cultura vem sendo mantida, ocupando uma vasta extensão de terras. A infra-estrutura já montada, tanto para o trigo, quanto para a soja, garante, em parte, essa permanência, na medida em que o cultivo dos dois produtos ocorre em sucessão e seus resultados compensam-se mutuamente, em termos de receitas e despesas.

Além deste fator, existe outra forte razão para a manutenção dos estímulos institucionais concedidos à cultura naquela região. O consumo do cereal cresceu a taxas aceleradas na última década, como conseqüência das altas taxas de urbanização, do suprimento irregular de outros gêneros alimentícios e, principalmente, do subsídio ao consumo de trigo. Subsídio, este, que foi instituído a partir da vertiginosa alta das cotações de matérias-primas agrícolas no mercado internacional, iniciada em 1973.

A manutenção e o crescimento do subsídio concedido ao consumo interno do trigo já estão, há tempos, vinculados a outras razões que não as elevadas cotações externas. Na verdade, o subsídio do trigo apresenta, hoje, um círculo vicioso, pois sua retirada, ainda que gradual, terá de ser ponderada pela disponibilidade, ou não, dos demais gêneros alimentícios de primeira necessidade. Esta dependência acarreta o alargamento do fosso existente entre os preços do trigo e os de seus substitutos potenciais. Isto, por sua vez, acaba representando novos aumentos na demanda.

O consumo de trigo no país, projetado para 1981, situa-se em torno de 7 milhões de toneladas (excluindo-se a reserva para sementes). A impossibilidade de reduzí-lo, a curto prazo, desaconselha qualquer medida drástica de desestímulo ao plantio do cereal, nas regiões produtoras tradicionais.

Acrescente-se a isso o fato de que a produção mundial de grãos (incluindo-se os forrageiros e as oleaginosas) sofreu violenta quebra, o que implicará em altas cotações desses produtos nas bolsas internacionais de mercadorias.

No mercado internacional, repercutem a recente assinatura, pela República Popular da China, de um acordo de compra de até 8 milhões de toneladas de grãos aos EUA e a frustração da safra de cereais da URSS, fatores que pressionarão fortemente as cotações desses produtos.

Deste modo, tudo indica que, para 1981, não só a oferta interna de trigo, mas, também, as disponibilidades no mercado internacional serão mais escassas. Tal escassez poderá melhorar a viabilidade econômica do trigo produzido internamente pois, ao se elevarem as cotações do produto no mercado internacional, diminui — e pode, mesmo, desaparecer — a gravosidade do trigo produzido internamente. Neste sentido, uma política equilibrada de manutenção da produção tritícola, nas áreas mais propícias dentro da região Sul, ao lado da concessão de incentivos à expansão do cereal em áreas não tradicionais, parece ser o caminho possível, no sentido de buscar a compatibilização de objetivos de curto e de médio prazos.

PANORAMA AGROPECUÁRIO

ACOMPANHAMENTO DAS CULTURAS TEMPORÁRIAS

ALGODÃO

BRASIL

Início da colheita: fevereiro/março
Pico da safra: abril
Produção prevista: 1,24 a 1,29 milhão de t
Produção da safra 1979/80: 1,24 milhão de t
Maior produção alcançada anteriormente: 1,675 milhão de t, em 1971/72
Causas da variação na produção: ampliação da área cultivada
Estágio atual da lavoura: encerramento do plantio e desenvolvimento vegetativo
Fatores críticos neste estágio: estiagem prolongada ou chuvas excessivas

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

MATO GROSSO DO SUL

Variação na área: +4,5 a +9%
Produção prevista: 69 mil t a 72 mil t
Safra anterior: 64,416 mil t
Causas da variação na produção: expansão do plantio e aumento da produtividade
Estágio atual da lavoura: plantio encerrando-se
Rendimento médio: 1.500 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

MINAS GERAIS

Variação na área: +15,5 a +20%
Produção prevista: 78 mil t a 81 mil t
Safra anterior: 67,5 mil t
Causas da variação na produção: significativa ampliação da área cultivada
Estágio atual da lavoura: plantio em encerramento
Rendimento médio: 750 kg/ha
Preço médio ao produtor: –
Obs.: a falta de chuvas no estado durante um grande período poderá comprometer a produtividade, esperada em nível igual à de 1979/80

PARANÁ

Variação na área: estabilidade ou redução de até 5%
Produção prevista: 544 a 572,9 mil t
Safra anterior: 567 mil t
Causas da variação na produção: expansão do milho em áreas da cotonicultura
Estágio atual da lavoura: plantio recentemente concluído
Rendimento médio: 1.700 kg/ha
Preço médio ao produtor: –
Obs.: embora a produtividade média do estado deva superar a de 1979/80 (1.683 kg/ha) isto não será suficiente para compensar a esperada redução na área semeada

SÃO PAULO

Variação na área: estabilidade ou aumento até 5%
Produção prevista: 482,8 mil t a 506,6 mil t
Safra anterior: 474 mil t
Causas da variação na produção: melhor produtividade e possível ampliação da área cultivada
Estágio atual da lavoura: plantio recentemente concluído
Rendimento médio: 1.700 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

ACOMPANHAMENTO DAS CULTURAS TEMPORÁRIAS

ARROZ

BRASIL

Início da colheita: fevereiro
Pico da safra: março/abril
Produção prevista: 9,3 a 9,9 milhões de t
Produção da safra 1979/80: 9,6 milhões de t
Maior produção alcançada anteriormente: a da safra 1979/80
Causas da variação na produção: possível ampliação da área cultivada e persistência de boas condições climáticas
Estágio atual da lavoura: plantio concluído recentemente na maior parte das regiões
Fatores críticos neste estágio: necessidade de boa luminosidade e de atenção aos tratos culturais

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

GOIÁS

Variação na área: –
Produção prevista: arroz de sequeiro: 1,239 milhão de t; arroz irrigado: 39,12 mil t; total: 1,298 mil t
Safra anterior: 1,304 milhão de t
Causas da variação na produção: mesmo se for confirmada, em janeiro, a repetição da área plantada de 1979/80, o clima favorável poderá levar a maiores estimativas de produção
Estágio atual da lavoura: 95% dos arrozais estarão plantados até o fim de dezembro
Rendimento médio: sequeiro: 1.050 kg/ha; irrigado: 3.260 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

MARANHÃO

Variação na área: +5 a 10%
Produção prevista: 1,5 milhão de t
Safra anterior: 1.281.316 t
Causas da variação na produção: ampliação da área cultivada e recuperação da produtividade
Estágio atual da lavoura: encerrando o plantio
Rendimento médio: expectativa de rendimento superior ao obtido em 1979/80 (1.296 kg/ha)
Preço médio ao produtor: –

PARANÁ

Variação na área: -9%
Produção prevista: 630/638 mil t
Safra anterior: 638 mil t
Causas da variação na produção: redução na área plantada, devido à substituição pelo milho e ao elevado custo dos arrendamentos
Estágio atual da lavoura: perfilhamento e delongação: 55%; emborrachamento e frutificação: 40%; germinação: 2%; frutificação: 3%
Rendimento médio: 1.800 kg/ha
Preço médio ao produtor: –
Obs.: a boa luminosidade, as chuvas abundantes e bem distribuídas e os tratos culturais atualmente utilizados deverão permitir a obtenção de um resultado semelhante ao da safra 1979/80, apesar da diminuição da área

RIO GRANDE DO SUL

Variação na área: estabilidade ou aumento de até 5%
Produção prevista: 2,259 a 2,370 milhões de t
Safra anterior: 2,257 milhões de t
Causas da variação na produção: boas condições climáticas e possibilidade de expansão da área cultivada
Estágio atual da lavoura: plantio praticamente encerrado
Rendimento médio: 3.600 a 3.800 kg/ha
Preço médio ao produtor: –
Obs.: a exigência da apresentação de título de propriedade, do INCRA, para a aquisição do óleo diesel necessário à irrigação, foi contornada a tempo de se evitarem prejuízos ao plantio

ACOMPANHAMENTO DAS CULTURAS TEMPORÁRIAS

FEIJÃO

BRASIL

Início da colheita: final de novembro no Centro-Sul; a partir de fevereiro na Bahia e em Minas Gerais*
Pico da safra: dezembro/janeiro
Produção prevista: a CFP reavaliou a produção, situando-a entre 1,32 e 1,37 milhão de t
Produção da safra 1979/80: 1 milhão de t
Maior produção alcançada anteriormente: 2.676.225 t (em 1972, produção referente às duas safras do ano)
Causas da variação da produção: expectativa de obtenção de rendimento médio 44,5% superior ao da safra das águas 1979/80
Estágio atual da lavoura: dependendo da região, desde o plantio (Bahia) até o pico da colheita (São Paulo)
Fatores críticos neste estágio: –

* Na Bahia e em Minas Gerais, o atraso sofrido pelo plantio em virtude da falta de chuvas fará com que a colheita ocorra em época mais avançada do que a usual.

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

SAO PAULO

Variação na área: +36%
Produção prevista: 132,85 mil t a 159,42 mil t
Safra anterior: 123 mil t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada
Estágio atual da lavoura: colheita
Rendimento médio: 500 a 600 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 4.200,00 a Cr$ 4.500,00/saca 60 kg

BAHIA

Variação na área: +18%
Produção prevista: 218,7 mil t
Safra anterior: 208 mil t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada
Estágio atual da lavoura: plantio
Rendimento médio: 600 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

RIO GRANDE DO SUL

Variação na área: +10%
Produção prevista: 105 a 112 mil t
Safra anterior: 56,2 mil t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada e expectativa de aumento do rendimento
Estágio atual da lavoura: maturação
Rendimento médio: 700 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

MINAS GERAIS

Variação na área: +11%
Produção prevista: 131,25 a 141,75 mil t
Safra anterior: 123 mil t
Causas da variação na produção: expansão da área cultivada
Estágio atual da lavoura: desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: 525 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

SANTA CATARINA

Variação na área: +15%
Produção prevista: 152 mil t
Safra anterior: 88 mil t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada e expectativa de aumento do rendimento médio
Estágio atual da lavoura: colheita
Rendimento médio: 800 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 3.800,00 a Cr$ 4.200,00/saca 60 kg

PARANÁ

Variação na área: +4%
Produção prevista: 470/530 mil t
Safra anterior: 370 mil t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada e expectativa de aumento de 13% no rendimento médio da lavoura no estado
Estágio atual da lavoura: colheita
Rendimento médio: 640 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 3.500,00 a Cr$ 4.000,00/saca 60 kg (feijão de cores); Cr$ 5.500,00 a Cr$ 7.000,00/saca 60 kg (feijão preto)

ACOMPANHAMENTO DAS CULTURAS TEMPORÁRIAS

MILHO

BRASIL

Início da colheita: fevereiro
Pico da safra: maio/junho
Produção prevista: 21,4 a 22,4 milhões de t
Produção da safra 1979/80: 20,2 milhões de t
Maior produção alcançada anteriormente: 20,2 milhões de t
Causas da variação na produção: incremento na área semeada
Estágio atual da lavoura: plantio e desenvolvimento vegetativo
Fatores críticos neste estágio: ausência de chuvas
Obs.: Em termos médios, a estimativa de safra atual revela uma queda de aproximadamente 1 milhão de t em relação à previsão inicial da CFP para a região Centro-Sul. Essa redução decorre do somatório de alguns fatores que resultaram em diminuição da área semeada e dos níveis de produtividade. Em Goiás, Minas Gerais e São Paulo o atraso da temporada de chuvas retardou o plantio. Houve uma falta quase generalizada de sementes em diversas regiões produtoras. O atraso do plantio, concomitantemente à recuperação dos preços da soja, favoreceu o plantio da leguminosa. Não se verificou a substituição de soja por milho nos níveis esperados.

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

PARANÁ

Variação na área: +10 a 15%
Produção prevista: 5,62 a 5,88 milhões de t
Produção da safra anterior: 5,11 milhões de t
Causas da variação na produção: elevação da área semeada
Estágio atual da lavoura: desenvolvimento vegetativo; em pequena parte da área o cereal está em floração
Rendimento médio previsto: 2.360 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

RIO GRANDE DO SUL

Variação na área: +10 a 15%
Produção prevista: 3,59 a 3,75 milhões de t
Produção da safra anterior: 3,19 milhões de t
Causas da variação na produção: ampliação da área plantada e ligeiro aumento da produtividade esperada
Estágio atual da lavoura: desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio previsto: 1.750 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

SANTA CATARINA

Variação na área: +5 a 10%
Produção prevista: 3,14 a 3,29 milhões de t
Produção da safra anterior: 2,88 milhões de t
Causas da variação na produção: maiores área e produtividade
Estágio atual da lavoura: desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio previsto: 2.600 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

SÃO PAULO

Variação na área: +15 a 20%
Produção prevista: 2,88 a 3,01 milhões de t
Produção da safra anterior: 2,51 milhões de t
Causas da variação na produção: forte elevação da área plantada
Estágio atual da lavoura: desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio previsto: 2.330 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

MINAS GERAIS

Variação na área: +10 a 13%
Produção prevista: 3,5 milhões de t
Produção da safra anterior: 3,02 milhões de t
Causas da variação na produção: grande aumento da área e razoável elevação da produtividade
Estágio atual da lavoura: desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio previsto: 1.800 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

GOIÁS

Variação na área: +11 a 16%
Produção prevista: 1,78 a 1,86 milhão de t
Produção da safra anterior: 1,75 milhão de t
Causas da variação na produção: ampliação da área semeada
Estágio atual da lavoura: fim de plantio e desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio previsto: 2.000 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

ACOMPANHAMENTO DAS CULTURAS TEMPORÁRIAS

SOJA

BRASIL

Início da colheita: fevereiro
Pico da safra: março/abril
Produção prevista: 15,1/15,7 milhões de t
Produção da safra 1979/80: 15,1 milhões de t
Maior produção alcançada anteriormente: a da safra 1979/80
Causas da variação na produção: o total produzido em condições normais de clima, deverá situar-se bem próximo ao de 1979/80
Estágio atual da lavoura: desenvolvimento vegetativo e germinação
Fatores críticos neste estágio: falta de chuvas

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

SÃO PAULO

Variação na área: -6% a -3%
Produção prevista: 986 a 1,018 milhão de t
Safra anterior: 1,11 milhão de t
Causas da variação na produção: redução da área plantada que cederá lugar, em certa medida, ao milho e à cana
Estágio atual da lavoura: desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: 1.875 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

PARANÁ

Variação na área: -5% a 0%
Produção prevista: 5,06/5,32 milhões de t
Safra anterior: 5,41 milhões de t
Causas da variação na produção: possibilidade de ligeira redução da área plantada, em função de acréscimos da área do milho, principalmente
Estágio atual da lavoura: germinação e desenvolvimento vegetativo, na maior parcela da área plantada; e algumas regiões já em estágio de floração
Rendimento médio: 2.200 kg/ha
Preço médio ao produtor: –
Obs.: o plantio foi realizado com atraso, pela falta de chuvas que fez também com que algumas lavouras plantadas mais cedo florescessem antecipadamente.

MATO GROSSO DO SUL

Variação na área: +8% a +18%
Produção prevista: 1,39/1,52 milhão de t
Safra anterior: 1,32 milhão de t
Causas da variação na produção: os rendimentos esperados são ligeiramente inferiores aos de 1979/80 (1.641 kg/ha) e, por isso, os acréscimos esperados na área não serão acompanhados integralmente pela produção
Estágio atual da lavoura: plantio praticamente finalizado, em fase de desenvolvimento vegetativo e germinação
Rendimento médio: 1.600 kg/ha
Preço médio ao produtor: –
Obs.: atraso no plantio em função da ocorrência de veranico entre começo de outubro e começo de novembro; nas regiões mais ao sul (área de Ponta Porã) houve excesso de chuvas durante o período de plantio.

RIO GRANDE DO SUL

Variação na área: -2% a 0
Produção prevista: 6,03/6,06 milhões de t
Safra anterior: 5,74 milhões de t
Causas da variação na produção: expectativas de recuperação dos rendimentos normais, pois na safra 1979/80 houve seca em algumas regiões do estado
Estágio atual da lavoura: germinação e desenvolvimento vegetativo; ocorrem chuvas regulares
Rendimento médio: 1.550 kg/ha
Preço médio ao produtor: –
Obs.: o plantio ocorreu com atraso em função do retardamento na colheita do trigo

DE 11/12 A 24/12

PREÇOS NO MERCADO EXTERNO

GUIA DE LEITURA
Sugere-se que a leitura obedeça a seguinte ordem:
1º – Posição da última quinzena
2º – Comparação percentual com o passado (Posição de um ano antes e Posição de um mês antes)
3º – Comportamento dos futuros
4º – Perspectivas dos próximos 30 dias com seus respectivos fatores ponderáveis.

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição nominal um mês antes	Posição da última quinzena	Posição Nominal de Futuros 81 jan	81 mar	81 mai	81 jul	81 set	81 nov	82 jan	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
AÇÚCAR RAW MERC.–N.YORK US ¢/lb–peso Fonte: UNICOM	-39%	+33%	28,55		+4%					-10%		Aumento da taxa de juros norte-americana e vendas especulativas mantém os preços deprimidos.
ALGODÃO 1-1/16"M-Memphis MERC.–N.YORK US¢/lb–peso Fonte: UNICOM	-10%	+1%	86,89			+6%				-2%		Apesar da quebra da safra 1980/81 norte-americana, a retração prevista para o consumo impedirá alguma modificação nos estoques de final de safra.
CACAU BAHIA MERC.–N.YORK US$/ton. Fonte: UNICOM	+79%	+9%	1.912,63 (mar)				+6%			+16%		Taxa de juros americana deverá aumentar onda especulativa no mercado de futuros. Maiores aquisições pelo setor industrial, devido às baixas cotações.
CAFÉ SANTOS MERC. – N.YORK US ¢/lb–peso Fonte: UNICOM	+83%	+2%	116,81 (mar)				+5%			+7%		Grandes torrefadores recompondo estoques para o inverno, embora os custos de sua manutenção e a expectativa de estabilidade nos preços reduza o interesse das indústrias.

* Valores deflacionados pelo IPA norte-americano, do INTERNATIONAL FINANCIAL STATISTICS – FMI

Agroanalysis, 4(12): 12-22, dezembro/1980

As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, o GIA não pode garantir. Nossas opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza subjetiva, sujeitas a mudança, independentemente da ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugerimos contato com nossos técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões. (ver 1ª contracapa).

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição nominal um mês antes	Posição da última quinzena	Posição Nominal de Futuros 81 jan	81 mar	81 mai	81 jul	81 set	81 nov	82 jan	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
MILHO TWO YELLOW MERC. – CHICAGO US ¢/bushel Fonte: UNICOM	-12%	-2%	343,50			+9%				+4%	↘	– Volume de milho vinculado ao programa norte-americano de reserva de grãos eleva-se a 24 milhões de toneladas. – FAO reduz ligeiramente as suas previsões da produção mundial de grãos forrageiros.
SOJA - GRÃO ONE YELLOW MERC. – CHICAGO US ¢/bushel Fonte: UNICOM	0%	+16%	749,58			+3%				+10%	→	– Aumento das taxas de juros nos EUA desestimulam aplicações em "commodities". – Queda das cotações deverá reativar a demanda.
SOJA FARELO MERC. – CHICAGO US$/T. Fonte: UNICOM	-1%	+19%	219,67			+4%				+6%	→	– Diminuição da moagem de grãos nos últimos três meses deverá reduzir as disponibilidades desse insumo. – Substituição de farelo de soja por cereais, na CEE.
TRIGO SOFT RED MERC. – CHICAGO US ¢/bushel Fonte: UNICOM	+10%	+9%	449,45			+8%				+13%	→	Possibilidade de levantamento do embargo de grãos à URSS e expectativa quanto ao desempenho das safras do Hemisfério Norte mantém o mercado em compasso de espera.

* Valores deflacionados pelo IPA norte-americano, do INTERNATIONAL FINANCIAL STATISTICS – FMI

PREÇOS NO MERCADO INTERNO

GUIA DE LEITURA
Sugere-se que a leitura obedeça a seguinte ordem:
1º – Posição da última quinzena.
2º – Comparação percentual com o passado (Posição de um ano antes e Posição de um mês antes)
3º – Perspectivas dos próximos 30 dias com seus respectivos fatores ponderáveis.

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição real* um mês antes	Posição da última quinzena	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
ALGODÃO Tipo 6 – Sul do BR MERC. – SP Cr$/15 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	-39%	+7%	2,555,22** (mar)	➡	Retração sazonal das compras das indústrias.
ARROZ Amarelão-Est. Cen. MERC.–SP Cr$/sc. 60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	+65%	+13%	1.600,00	➡	– Estoques da safra 1979/80 ainda abastecem o mercado. – Plantio da safra 1980/81 em fase final.
CAFÉ Tipo 7/8 MERC. – RJ Cr$/sc 60 kg Fonte: Cent. do Com. de Café do RJ	+11%	-7%	5.640,00	➡	Retirada gradual do subsídio ao consumo interno e a abertura do registro de exportações para o 1º trimestre de 80 são fatores que deverão contribuir para fortalecer o mercado nos próximos meses.
BOI GORDO – MERC.–Pres.Prud. Cr$/arroba Fonte: IEA–SP	+33%	+14%	1.644,44	➡	Maior oferta de bois gordos em relação à safra anterior.

*** Valores deflacionados pelo IGP, col. 2, CONJUNTURA ECONÔMICA – FGV**

** 1º futuro não deflacionado.

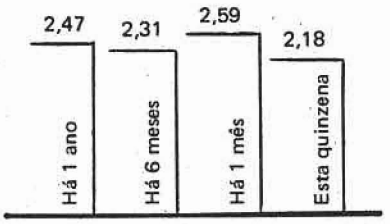
As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, o GIA não pode garantir. Nossas opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza subjetiva, sujeitas a mudança, independentemente da ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugerimos contato com nossos técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões. (ver 1ª contracapa).

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição real * um mês antes	Posição da última quinzena	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
FEIJÃO Preto Comum MERC. – SP Cr$/sc. 60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP			Sem cotação	↘	Entrada do produto novo à medida que se desenvolve a colheita mantem o mercado calmo.
FRANGO Vivo MERC. – SP Cr$/kg Fonte: APA	+6%	-15%	53,79	→	Desaquecimento da demanda após as festas de fim de ano, aliado à safra de carne bovina, deverá sustar o movimento de elevação do preço da ave.
MILHO Amarelo Semiduro MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	-18%	+4%	829,44	↘	Demanda pelo cereal permanece aquecida; ritmo das vendas do produto importado, embora intensificado, não deverá coibir a alta dos preços.
SOJA-GRÃO Industrial MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	+14%	+7%	920,00	↘	Ascensão nominal das cotações, devido ao bom desenvolvimento da safra e ao fim de comercialização da safra 1979/80.

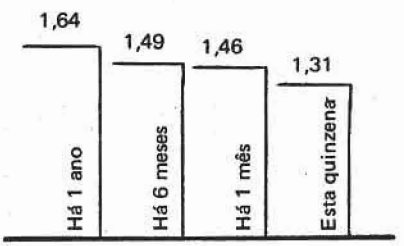
* Valores deflacionados pelo IGP, col. 2, CONJUNTURA ECONÔMICA – FGV

PREÇOS RELATIVOS – MERCADO EXTERNO

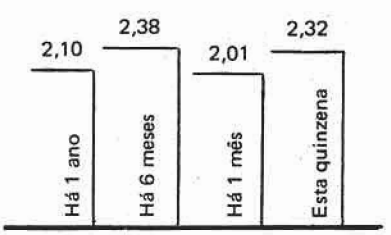
Soja / Milho



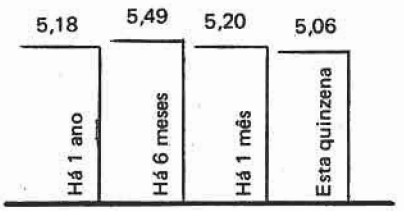
Trigo / Milho



Algodão / Soja



Algodão / Milho

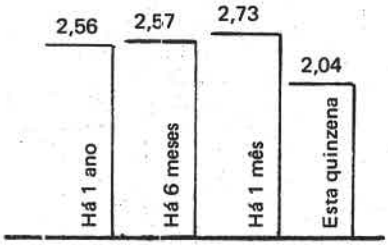


FONTES – Algodão: Reuters, Cotton World Statistics. Soja, Milho e Trigo: Reuters, Commodity Year Book.

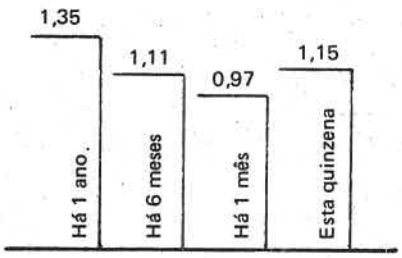
NOTA: O preço internacional da soja, que se encontrava em nível bastante elevado, sofreu queda de 14,0% esta quinzena em conseqüência do aumento das taxas de juros, em nível mundial, a partir do fortalecimento do dólar, o que gerou um desaquecimento do mercado de matérias-primas em geral. A cotação do milho, por sua vez, denotou elevação de 2,2% no mesmo período, devido à maior colocação de milho no programa de reserva de grãos dos EUA e às grandes compras deste cereal por parte do Brasil, México e China. Desta maneira, o preço relativo soja/milho desta quinzena encontra-se em patamar 15,8% inferior ao de um mês antes. *** A movimentação do preço do trigo durante a quinzena, obedecendo às mesmas diretrizes do mercado da soja, levou à queda de 8,6% na cotação do cereal em relação ao valor observado há um mês. A contraposição desta ocorrência ao mencionado aumento do preço do milho, levou o atual preço relativo trigo/milho a colocar-se em patamar 10,3% inferior ao de um mês antes. *** A já citada desvalorização do preço da soja, em nível internacional, associada à estabilidade do preço do algodão, acarretou aumento de 15,4% no preço relativo algodão/soja desta quinzena, frente ao valor precedente. À expectativa de que o volume da safra mundial da fibra seja inferior ao inicialmente esperado, vem-se conjugando uma tendência decrescente de seu consumo, o que deverá manter inalterados os estoques do produto. *** Inferior em 2,7% ao valor verificado no mês anterior, o preço relativo algodão/milho desta quinzena obedeceu às movimentações dos mercados de milho e de algodão, indicados acima.

PREÇOS RELATIVOS – MERCADO INTERNO

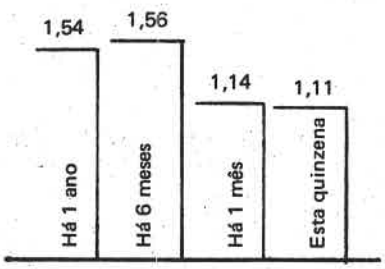
Boi Gordo / Frango Vivo



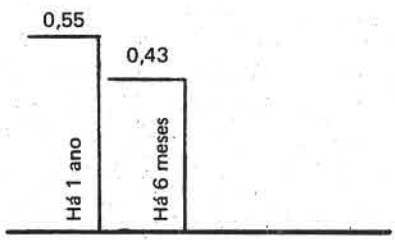
Frango Vivo / Ração Ave Corte



Soja / Milho



Feijão Preto / Feijão a Cores



FONTES – Boi Gordo: IEA-Sec. Agric. SP. Frango Abatido e Ração Ave Corte: IEA-Sec. Agric. SP e APA. Feijão Preto, Feijão a Cores, Soja e Milho: Bolsa de Cereais de SP.

*** A intensificação da safra de carne bovina, e a agilização sazonal da demanda por carne de frango durante a época de festas de fim-de-ano, foram responsáveis, nesta quinzena, pelo aumento de 26,1% no preço do quilograma da ave viva e pela diminuição de 5,8% no preço da arroba do boi gordo. Tais ocorrências explicam o fato de o atual preço relativo boi gordo/frango vivo situar-se em nível 25,3% inferior àquele de há um mês. Observe-se, porém, que, um ano antes, esta relação de preços assumia valor 20,3% superior ao atual, evidenciando a gradual diminuição da diferença entre o preço da carne bovina e o da carne de aves, decorrente da fase baixista do atual ciclo pecuário. *** Esta quinzena, o preço relativo frango vivo/ração apresentou uma recuperação de 18,6%, em cotejo com aquele de há um mês, conseqüência da mencionada elevação sazonal do preço da ave, que conseguiu suplantar o aumento de 6,3% ocorrido no preço da ração no mesmo período. No entanto, a atual relação de preços é 14,8% inferior àquela vigente em igual período do ano passado. *** A diminuição de 2,6% ocorrida no preço relativo soja/milho desta quinzena em comparação com o de um mês antes justifica-se pela inalterabilidade do preço interno da soja, aliada ao aumento de 3,7% da cotação do milho, no mesmo período. A expansão das vendas, em nível interno, do milho importado, desacelerou o movimento altista do preço do cereal que se vinha verificando desde o início dos pregões do produto na Bolsa de Cereais de São Paulo, em setembro do ano passado. Note-se, no entanto, que o atual preço do grão é 160,2% e 136,2% superior, respectivamente, àquele vigente há um ano e há seis meses. *** Ausente do mercado atacadista da Bolsa de Cereais de São Paulo, o feijão preto continua escasso em todo o território nacional. Desta maneira, inexiste, tanto para a quinzena, quanto para o período de um mês antes, a relação de preços feijão preto/feijão a cores.

Impresso na
COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRAFICAS
RUA RIACHUELO, 128 TEL. 222-3359

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

Entidade de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, instituída em 20 de dezembro de 1944 como pessoa jurídica de direito privado, visando ao estudo dos problemas de organização racional do trabalho, especialmente nos seus aspectos administrativos e social e à conformidade de seus métodos às condições do meio brasileiro.

Sede: Praia de Botafogo, 190 — Caixa Postal: 9.052 — ZC–02
Tel.: 551-1542
CEP: 22.250 — Rio de Janeiro — RJ

Presidente: Luiz Simões Lopes
Superintendente Geral: Roberto Hermeto Corrêa da Costa

CONSELHO DIRETOR
Presidente: Luiz Simões Lopes
Vice-Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres
Membros: Alberto Sá Souza de Brito Pereira, Carlos Medeiros Silva, Eugenio Gudin, Francisco Oswaldo Neves Dornelles, José Joaquim de Sá Freire Alvim e Octávio Gouvêa de Bulhões

CONSELHO CURADOR
Presidente: Alberto Pires Amarante
Vice-Presidente: João Carlos Vital
Membros: Aldo Batista Franco, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, Antônio Garcia de Miranda Neto, Antônio Ribeiro França Filho, Apolônio Jorge de Faria Salles, Celso Timponi, Cezar Reis de Cantanhede e Almeida, Estado de São Paulo, Francisco Montojos, Heitor Campello Duarte, Henrique Domingos Ribeiro Barbosa, Instituto de Resseguros do Brasil, José de Nazaré Teixeira Dias, Embaixador Manoel Pio Corrêa Jr., Moacyr Velloso Cardoso de Oliveira, Paulo de Tarso Leal, Rafael da Silva Xavier, Rubens d'Almada Horta Pôrto, Theodoro Arthou.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

COMISSÃO DIRETORA
Presidente: Octávio Gouvêa de Bulhões
Vice-Presidente: Mario Henrique Simonsen
Membros: Eugenio Gudin, Janes Angelo de Souza, Julian Magalhães Chacel e Mario Henrique Simonsen
Assessor de Direção: Jorge Kingston

DEPARTAMENTO DE ENSINO:
Diretor da Escola de Pós-Graduação em Economia: Mario Henrique Simonsen

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PESQUISAS:
Diretor: Julian Magalhães Chacel

Divisão de Contabilidade Social:
Diretor: Angelo Jorge de Souza
Centro de Contas Nacionais: Ralph Miguel Zerkowski
Centro de Estudos Fiscais: Margaret Hanson Costa
Centro de Estudos Industriais: Eden Gonçalves de Oliveira

Divisão de Estatística e Econometria:
Diretor: Janes Angelo de Souza
Centro de Estudos Agrícolas: Sylvio Wanick Ribeiro
Centro de Estatística Econômica: Roberto Maia de C. Abib
Centro de Processamento de Dados — Eugênio Decourt
Centro de Estudos Monetários e de Economia Internacional — Antônio Carlos Lemgruber